

**A DIALÉTICA HEGELIANA NA PERSPECTIVA DO TRABALHO DOMÉSTICO NA
SITUAÇÃO DE MULHERES PRETAS**

***HEGELIAN DIALECTICS FROM THE PERSPECTIVE OF DOMESTIC WORK IN
THE SITUATION OF BLACK WOMEN***

Francisco José de Oliveira Júnior¹

Vicente de Paulo Colodeti²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo trazer para o leitor uma pesquisa tanto qualitativa como quantitativa sobre realidade da mulher negra no trabalho doméstico, junto com a filosofia Georg Wilhelm Friedrich Hegel, sobre a consciência de si. O objetivo do trabalho é mostrar que as mais contratadas para o trabalho doméstico são mulheres negras, fazendo uma menção direta a escravidão, demonstrando a finalidade do povo africano trazidos para o Brasil, tendo em vista, que as mulheres negras são as mais contratadas para o tal trabalho, mesmo depois da Lei Áurea. Para isso, usaremos dados históricos bibliográficos de alguns autores conhecidos, usaremos a dialética hegeliana, como também mostraremos a diferença da dialética de Karl Marx. Traremos também alguns dados quantitativos, para assim podemos compreender melhor o índice de contratação das mulheres negras no trabalho doméstico, tendo em vista que, nos anos de 2013 há 2022 entre as mulheres negras e as não negras, sendo que as mais contratadas são as mulheres negras, acentuando que há uma grande diferença entre ambas.

Palavras-chave: Hegel; Dialética; Trabalho doméstico.

ABSTRACT: This work aims to bring to the reader both qualitative and quantitative research on the reality of black women in domestic work, together with the Georg Wilhelm Friedrich Hegel philosophy, on self-awareness. The objective of the work is to show that the most hired for domestic work are black women, making a direct mention of slavery, demonstrating the purpose of the African people brought to Brazil, and why black women are the most hired for such work, even after the golden law. To do this, we will use historical bibliographic data from some well-known authors, we will use Hegelian dialectics, and we will also show the difference between Karl Marx's dialectics. We will also bring some quantitative data, so that we can better understand the situation of black women in domestic work, considering that, in 2013, there are 2022 between black and non-black women, with the most hired being black women, highlighting that there is a big difference between the two.

Keywords: Hegel; Dialectic; Housework.

¹ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil.

² Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco principal abordar a “colonização” da mulher negra no trabalho doméstico a partir da dialética do senhor e do servo em Hegel (Hegel, 2011). Tendo em vista a dialética hegeliana do senhor e do servo, buscaremos fazer uma breve leitura sobre a escravidão no Brasil, e como este trabalho de pesquisa isso reverbera nos dias atuais. O significado da palavra dialética quer dizer caminho entre as ideias, mas que ela é um método que visa a busca pelo conhecimento que é baseado na arte do diálogo, que se desenvolve a partir de conceitos e ideias para um conhecimento verdadeiro. A ideia da dialética em Hegel (Hegel, 2011), se dá como círculo, entre tese, antítese e síntese, pelo qual gera-se uma negação da negação. Neste aspecto, a dialética hegeliana, tende ao modo de como se vê a realidade, como se já existisse no interior dela a própria negação. Com efeito, a razão para Hegel (Hegel, 2011) é a capacidade de ver o movimento do conjunto de um todo, e as tensões do conjunto que se resolve, sendo elas: tese, antítese e síntese (dialética) descritas acima, e a razão para ele é sempre uma razão de ver o movimento do conjunto, de natureza que não é só mecânica e perfeita.

Portanto, o objetivo do nosso trabalho é trazer para o leitor uma ligação entre a dialética do filósofo Hegel (Hegel, 2011), visando abordar o nosso seguinte problema de pesquisa, a saber: como justificar a colonização da mulher negra no trabalho doméstico? Esse trabalho justifica-se porque a maioria das mulheres negras, como veremos nos dados coletados ao longo deste artigo, são as que mais trabalham como domésticas. Nesse sentido, o objetivo da nossa pesquisa é buscar entender como a dialética de Hegel (Hegel, 2011), consegue responder o porquê da colonização da mulher preta no trabalho doméstico. Trazendo alguns dados quantitativos, por meio de gráficos e pesquisas feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do qual a Dieese usa para mostrar em gráficos, para assim melhor explicar. De forma mais específica, buscaremos explicar a dialética do senhor e do escravo em Hegel, e analisar a história da mulher no período da escravidão e o trabalho doméstico na atualidade.

Dito isso, no item 2, buscaremos realizar uma revisão de literatura que verse sobre alguns aspectos históricos gerais relativos à escravidão no Brasil e a diferenciação da dialética de Karl Marx. No item 3, abordaremos os procedimentos metodológicos a partir dos quais buscamos dados de instituições de pesquisa nacionais e realizamos nossa pesquisa bibliográfica. Já no item 4 relativo aos resultados e discussões, apresentaremos os dados de órgãos institucionais nacionais sobre o trabalho doméstico no Brasil atual e, na sequência, uma análise filosófica a partir da dialética do senhor e do escravo proposta por Hegel (Hegel, 2011). Finalizamos este breve artigo com as considerações finais.

2. DADOS BIBLIOGRÁFICOS DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL E A DIALÉTICA E SEU ASPECTO EM GERAL

2.1. A ESCRAVIDÃO NO BRASIL: ASPECTOS GERAIS

Por que os povos africanos foram trazidos para o Brasil para serem escravizados? Quais eram os objetivos para que esses povos fossem trazidos para este território a

partir dos anos 1500? Como justificar a colonização da mulher negra no trabalho doméstico, hoje, a partir dessa história?

Segundo Silva, Loreto e Bifano (2017) na época da colonização do território brasileiro, a partir dos anos 1500,

[...] os negros africanos eram transportados nos porões dos navios negreiros e sofriam com a péssima condição e com o transporte desumano, além de serem vendidos no Brasil por fazendeiros e senhores de engenho como mercadoria, sendo tratados de forma cruel e violenta. Entretanto, a escravidão permaneceu por quase trezentos anos, pois era aceita e considerada normal, embora houvesse quem repudiasse tal conduta. Reconhece-se que o fator econômico seja o fator determinante para a permanência da escravidão, porque todo o trabalho desenvolvido nas minas e nas fazendas era realizado por escravos [...] (Silva; Loreto; Bifano, 2017, p. 419).

A palavra escravo tem o sentido de quem é submisso a outrem, que no termo grego é “eslavo” (Simone, 2018, p. 18). Os eslavos eram povos do leste Europeu que foram dominados em massa na alta idade média. O termo eslavo em sua origem latina tem uma semelhança com o termo escravo, por isso acabou sendo associado a escravidão com a dominação de um povo. Com o tempo, alguns países passaram a determinar toda a escravidão moderna (escravidão negra) dentre estes foram portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, holandeses e suecos.

Quando, posteriormente, laços comerciais mais estreitos estabeleceram-se entre as duas margens do Mediterrâneo, os europeus descobriram uma África ainda muçulmana. Não surpreende, portanto, que a África tenha sido considerada como o principal adversário da cristandade e que os seus habitantes, qual fosse a sua raça, tenham sido julgados e tratados em consequência. A ausência de qualquer contato entre a Europa e a parte da África que se encontrava fora da esfera muçulmana não podia senão confortar uma visão das mais deturpadas do continente, ainda mais especialmente no tocante às suas populações negras. (Fasi, Hrbek; 2010, p. 23).

Como foi citado acima, os europeus descobriram uma África muçulmana, e o que os europeus tinham, era uma imagem errônea sobre os povos africanos, pois viam neles uma justificativa de que eles eram a encarnação do mal e desta forma os hostilizavam (Fasi; Hrbek, 2010). Assim,

[...] trabalhos recentes[...] demonstraram claramente como esta ignorância e a errônea identificação da África negra ao Islã haviam conduzido os europeus a considerarem os negros da África como seres inferiores, encarnando o mal e o pecado. A atitude negativa, os preconceitos e a hostilidade dos europeus vis-à-vis dos povos de raça negra surgiram desde a época medieval, antes de serem mais tarde reforçados pelo tráfico e pela escravatura. (Fasi, Hrbek; 2010, p. 23).

Ao chegarem no Brasil, os portugueses buscavam uma forma de colonizar as terras, para isso começou a escravizar os nativos, tomando suas terras, fazendo-os trabalhar. No entanto, os indígenas, acabaram sucumbindo, ou não foram submissos aos portugueses, deste modo, os portugueses tiveram que buscar uma nova mão de obra, para substituir os nativos. Eles começaram a traficar os africanos para o Brasil. Assim, escreve Lara (2020, p. 207):

O primeiro caso de tráfico de escravos que se desenvolveu no Novo Mundo, em termos raciais, foi de índios e não de negros africanos. Primeiramente, os indígenas sucumbiram às condições de trabalho, cativo e doenças, o que resultou na posterior escravização do africano. Mesmo antes da escravização dos negros africanos, tentou-se substituir o índio pelo branco pobre. Destaca-se também que o estoque indígena de força de trabalho era limitado pela empreitada econômica levada a cabo pelas potências marítimas europeias, sendo que o contingente de africanos era inesgotável. Os negros foram capturados e traficados da África para trabalhar nas terras roubadas aos índios na América [...] (Lara, Barcelo, 2020, p. 207).

Desta forma, podemos perceber como iniciou a formação de um continente aparentemente desconhecido para o povo europeu. Certo de quem mais teve privilégios foram os portugueses, pois tomaram as terras que já eram habitadas pelos povos nativos, eles buscavam criar suas colônias para tal, precisavam de mão-de-obra barata, tendo em vista a extração do pau-brasil. Com a tentativa frustrada de escravizar os nativos, os portugueses trouxeram os povos africanos para serem escravizados.

Mas se a introdução do trabalho escravo se explica resumidamente dessa forma, por que se optou preferencialmente pelo negro e não pelos índios? Em primeiro lugar, lembremos que houve uma passagem da escravidão do índio para o negro. [...] Os índios resistiram às várias formas de sujeição, pela guerra, pela fuga, pela recusa ao trabalho compulsório. [...] Que variou no tempo e no espaço. Essa passagem foi menos demorada no núcleo central e mais rentável da empresa mercantil, ou seja, na economia açucareira, em condições de absorver o preço da compra de escravos negros em número regular e considerável. [...] Outro fator importante que colocou em segundo plano a escravidão dos índios foi a catástrofe demográfica. Esse é um eufemismo erudito para dizer que as epidemias produzidas pelo contato com os brancos liquidaram milhares de índios. Eles foram vítimas de doenças como sarampo, varíola e gripe, para as quais não tinham defesa biológica [...] (Fausto, 2006, p. 48).

Assim, podemos ver a mudança ou a passagem da escravidão indígena para a escravidão negra, pois diante da necessidade que os senhores coloniais passavam com os povos nativos, tiveram que ver outra opção que foi o tráfico do povo africano. Devendo ressaltar que não vieram somente homens africanos, mas também mulheres, dos quais os serviços prestados por estas mulheres não foram poucos como nos diz Mott (1998):

Poucos não foram os trabalhos que a mulher escravizada não realizou no Brasil. Ao contrário, além daqueles que tinham por obrigação cumprir, o mais comum era acumularem várias outras ao mesmo tempo. O trabalho da roça requeria um maior número de braços. Além de ser o mais pesado, era aquele que dava menos possibilidades do escravo alforriar-se pois não havia, praticamente, circulação de dinheiro (quando o escravo cultivavam a terra era para a sua subsistência). [...] Nos engenhos eram as mulheres que colocavam a cana-de-açúcar para moer e que tiravam os bagaços. Essa atividade era bastante perigosa pois, devido ao longo tempo de serviço, as escravas podiam cair no sono e ter as mãos presas e decepadas. [...] A jornada de trabalho escrava acabava muitas vezes sendo mais longa do que as 12/15 horas estipuladas pelo senhor: quando casada, a mãe tinha que cozinhar e lavar para os filhos e para o companheiro. [...] A mulher assumia, então, as tarefas domésticas, ao que eu acrescento: sobretudo para aqueles escravos que deviam suprir o próprio sustento, trabalhando na agricultura de

subsistência, um ou dois dias por semana ou algumas horas por dia (pois havia um sistema onde o senhor dava “as refeições” prontas para os escravos) [...] (Mott, 1988, p. 21).

Podemos perceber a necessidade do serviço da mulher no tempo da escravidão, e tendo em vista a submissão aos senhores donos das fazendas, e seus diversos trabalhos, da roceira a dona de casa, mas seus serviços exigiam muito de si, principalmente quando era doméstica (escrava) da casa grande (Mott, 1988). Elas não tinham tempo para si, e muito menos para os seus filhos, e companheiros. Como domésticas das casas grandes, algumas eram mucamas, outras faziam serviços domésticos variados, desde arrumadeira à cozinheira. a variação de serviços dependia das posses que os senhores tinham, como podemos ver abaixo:

Para os serviços domésticos gerais, segundo as posses do proprietário, havia escravas desempenhando toda a sorte de atividades: arrumadeiras, lavadeiras, passadeiras, cozinheiras. As casas mais abastadas chegavam a ter dez “raparigas” de quartos, entre mucamas, serventes, engomadeiras e cozinheiras. As escravas casadas se ocupavam em geral da lavagem de roupas e dos serviços externos. (Mott, 1988, p. 23).

Depois de tudo que a mulher negra passou como escrava doméstica dos senhores fazendeiros e da Lei Áurea, feita pela princesa Isabel, a mulher negra se viu livre da opressão, mas solta no mundo sem recursos. Estavam livres, mas presas à sorte, então tiveram que se reinventar para assim sobreviver.

Após o 13 de maio, outros mecanismos de bargem e hierarquização étnica foram acionados e dinamizados [...]. Isto levou a que o cidadão negro – o ex-escravo – não encontrasse oportunidade no mercado de trabalho, na interação social global, tendo um espaço social no qual lhe permitiam uma circulação restrita de tal forma que sua personalidade, sem conseguir criar mecanismos de defesa contra tal situação, se deformou pela ansiedade cotidiana que dele se apoderou desde quando saiu da casa e especialmente quando reivindicou cargos ou funções que a ele, por práticas sub-reptícias e não mais visíveis, não foram permitidos socialmente. Com o princípio de que todos são iguais perante a Lei, os mecanismos de bargem étnica se refinaram, sofisticaram-se e ficaram invisíveis, tem-se a impressão de que o seu achatamento social, econômico e cultural é uma decorrência das suas próprias insuficiências individuais ou grupais [...] (Moura, 2014, p. 210-211).

Após termos visto, brevemente, como as etnias africanas chegaram ao Brasil, como foram tratados e como ficaram depois da Lei Áurea, veremos no próximo tópico alguns elementos gerais sobre a dialética. Isso nos ajudará a compreender e dar respostas ao nosso problema de pesquisa mais a frente.

2.2. DIALÉTICA: ELEMENTOS GERAIS E CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A dialética é conhecida como um conceito filosófico que cujo significado foi variando de acordo com o tempo da história. Termo grego antigo é conhecido como (dialektiké) seu significado tem como uma conversação mais conhecido como arte do diálogo (Konder, 2003). A dialética tem como técnica de conversação ou mesmo a arte do diálogo, originalmente a dialética se refere a um método de oposição verbal de ideias e argumentação, ela é muito parecida com a lógica.

Dialética era, na Grécia antiga, a arte do diálogo. Aos poucos, passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação

capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão [...] (Konder, 2003, p. 7).

Quando a dialética é bem compreendida ela pode ser bem aplicada em outros campos da natureza, como por exemplo; no pensamento e na vida, pois ela tende a constituir um método de debate e investigação. Contudo não se sabe veridicamente quem é o pai da dialética, há quem diga que seja o Sócrates, outros dizem que seja o Heráclito, pois para o filósofo, as contradições do pensamento, longe de o impedir, o energizava, pois as coisas, segundo o Heráclito, se empurram em sua oposição, sendo um a negação do outro. Heráclito, dá um exemplo de como não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio. Pois as coisas então em constante mudanças em sua permanência, é o mesmo rio, mas ao mesmo tempo é e não é, isso é uma dialética particular de Heráclito. No entanto Aristóteles considerava Zênon de Eléa, como o primeiro a formular argumentos dialéticos. Assim escreve Leandro Konder.

Aristóteles considerava Zênon de Eléa (aprox. 490 - 430 a. C) o fundador da dialética. Outros consideram Sócrates (469-399 a.C.). [...] No sentido moderno da palavra, o pensador dialético mais radical da Grécia antiga foi, sem dúvida, Heraclito de Efeso (aprox. 540-480 a.C.). (Konder, 2003, p. 8).

O termo dialético adquiriu um novo significado, e um novo sentido com o filósofo Alemão, Georg Friedrich Hegel. Para ele, a realidade era feita de oposto, cujo os conflitos causavam novos conceitos, que ao entrar na realidade, voltam a entrar em conflitos, com algo que os opõem, e é através disso que o termo dialético passou a denominar discursos que são opostos. Deste modo, podemos escrever a dialética como tese que é uma concepção tradicional, antítese é uma demonstração de seus problemas e contradições e síntese é uma nova compreensão do problema que é alcançada a partir da oposição dos dois primeiros que são tese e antítese. (Meneses, 1985)

Após ver um pouco sobre a origem da dialética, veremos aqui o que Marx (1844 apud Konder, 2003) diz a respeito da dialética de Hegel (1844 apud Konder, 2003), tendo ele absorvido a dialética, na obra hegeliana *Fenomenologia do espírito*, (Hegel 2011), como também a interpretação dialética da história. Marx aprendeu de Hegel a verdadeira essência do homem, a autocompreensão a qual dá ao homem o significado do seu trabalho e o conhecimento da sua alienação. Marx (1844 Konder, 2003), aceitou de Hegel (Konder, 2003) o aprofundamento no caráter totalizante e totalitário, pois não ficou somente na história, mas foi no seu fundamento de seu sentido.

Marx concordou plenamente com a observação de Hegel de que o trabalho era a mola que impulsionava o desenvolvimento humano, porém criticou a unilateralidade da concepção hegeliana do trabalho, sustentando que Hegel dava importância demais ao trabalho intelectual e não enxergava a significação do trabalho físico, material [...] (Konder, 2003, p. 28).

No entanto Marx (1844 apud Chauí, 2003) não aceitou o idealismo, o qual é o cerne do sistema hegeliano, e o substituiu pelo materialismo, tendo em vista, que Hegel, a grosso modo, era idealista, isto é, via a razão como determinante da realidade objetiva, enquanto Marx (1844 apud Chauí, 2003) era materialista e pensava justamente o contrário: que era o mundo material que condicionava a ideia que fazíamos dele.

Da concepção hegeliana, Marx também conserva a afirmação de que a realidade é história e por isso é reflexiva, ou seja, realidade a reflexão. Em outras palavras, a realidade é um movimento de contradições que produzem e reproduzem o modo de existência social dos homens, e que, realizando uma volta completa sobre si mesma, pode conduzir à transformação desse modo de existência social. Ora, aqui surge um problema. Em Hegel não havia a menor dificuldade para considerar o real como capaz de reflexão, pois o real era o Espírito, o Espírito era o sujeito e todo sujeito porque capaz de reflexão. Mas a dialética marxista não é espiritual ou idealista, e sim materialista [...] (Chauí, 2003, p. 51).

Também podemos dizer que Marx (1844 apud Reale, 1994) foi influenciado pelo filósofo Feuerbach (1844 apud Reale, 1994), pois para este autor a filosofia não é outra coisa que a religião formulada em pensamento e realizada de maneira pensante; sendo assim fundamenta o verdadeiro materialismo e a ciência real. Traduzindo a dialética do espírito para a dialética do material, ou seja, a dialética do material real, como também interpretou a história não do espírito absoluto, mas a do sujeito concreto da história do homem, o da espécie humana, do proletariado, ou seja, o socialismo e materialismo. Marx (1844 apud Reale, 1994) transformou o idealismo de Hegel em materialismo. Assim escreve o filósofo Miguel Reale:

[...] Karl Marx foi haurir nas fontes lustrais de Hegel, substituindo, na dramaturgia universal, o Espírito pela Matéria, sob a inspiração de Ludwig Feuerbach, sendo aos poucos a Religião e a Metafísica absorvidas pela política, ou melhor, por uma pretensa ideologia do proletariado. (Reale, 1994, p. 242).

Percebemos que Marx no materialismo histórico como escreve Reale (1844 apud 1994, p. 242) ao contrário de Hegel (1844 apud 1994, p. 242), não somente tem o objetivo de entender o processo histórico, mas de transformá-lo). Marx (1844 apud, 1994, p. 242) tende a dissolver o conservadorismo hegeliano, o qual já foi um processo que teve seu início por Feuerbach. A filosofia de Marx critica Hegel, pois a mesma ficou no pensamento abstrato, faltando uma atitude revolucionária da práxis (Konder, 2003).

Na prática significa que o sujeito concreto não é abstrato, não é consciência, mas ser, matéria, corpo. Diante disso, o seu mundo não é um mundo abstrato dos pensamentos, mas sim de relações sociais, concretas. Devemos ressaltar que seu trabalho não é a autoprodução da consciência, se não o trabalho prático do operário no seu processo de trabalho. Sendo assim, a superação da alienação não se realiza no pensamento, mas só deve acontecer na realização da vida na prática da sociedade. Marx, muda a dialética de Hegeliana, (Konder, 2003) do plano do espírito para o plano das necessidades materiais, fazendo a interpretação da história e a política em função da luta de classes.

Marx (1844 apud Chauí, 2003) acredita que a sociedade capitalista gerou a burguesia e o proletariado. Para ele, o regime gerou sua negação, ou seja, o próprio proletariado. Marx (1844 apud Chauí, 2003) quer criar uma revolução comunista na sociedade, ou seja, uma sociedade perfeita, em que não há divisão de classe. Para Marx (1844 apud Chauí, 2003), não haverá mais exploração do proletariado e serão atendidas todas as necessidades materiais.

Dito isso, buscaremos apresentar no próximo item, dados quantitativos e qualitativos sobre a realidade das mulheres negras, no Brasil atual, e, também, sobre as que não são negras, desta forma avançaremos na produção de uma resposta ao nosso problema de pesquisa sobre o índice de trabalho de mulheres negras é tão alto na atualidade.

3. METODOLOGIA

Para esse trabalho de pesquisa utilizamos o método da pesquisa bibliográfica, ou seja, fizemos um levantamento de obras e artigos especificamente sobre o tema apresentado. Direcionamos as pesquisas nos conceitos de mulher negra, trabalho doméstico, relação senhor e escravo na dialética de Hegel (1807 apud, Meneses, p. 62) para fundamentar a pesquisa proposta, pois através desses conceitos podemos nos debruçar nas histórias e nos dados geográficos que condizem com o tema.

Para tal, usamos dados históricos da escravidão no Brasil, fazendo uso de dados bibliográficos de historiadores e pesquisadores na área, como também foi usado dados quantitativos do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômico (Dieese, 2023), pois o mesmo fez uso de dados do (IBGE) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Usamos do IBGE dados estatísticos apresentados em gráficos para melhor visualização.

Portanto, para este trabalho foi usado dados tanto qualitativos como quantitativos, qualitativos fazendo uso de dados bibliográficos, da história do Brasil colonial, como também fontes filosóficas de alguns filósofos alemães sobre a dialética e sua origem, fazendo uso da obra *Fenomenologia do Espírito*, (Hegel, 2011). Os dados quantitativos fizemos uso de gráficos fornecidos pelo (Dieese, 2023), para que pudéssemos entender melhor o nível de contratação da mulher negra no trabalho doméstico e a permanência da mulher preta no serviço doméstico, para conectar com os elementos históricos da escravidão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. PROBLEMATIZAÇÕES CRÍTICAS ENTRE OS DADOS EMPÍRICOS NACIONAIS E A DIALÉTICA DE HEGEL

Fazendo a alusão da dialética de Hegel (1807 apud, Meneses, p. 62) para realidade, na vida das mulheres negras no trabalho doméstico, tendo em vista que a maioria dessas mulheres negras vieram de uma geração a qual foram submetidas a escravidão, a trabalhos análogos, sem direito, sem estudo, sem moradia digna, se sujeitando a serviços que muitas vezes lhe expuseram, ou seja, explorando suas forças, as suas vontades, para se sujeitar as vontades dos senhores, como veremos na dialética hegeliana, onde o servo se sujeita as vontades do senhor, diante da morte o servo se nega, nega a sua vida, para que o senhor o suprassuma, para que a vontade do senhor seja reconhecida, e a do servo seja negada, assim dá o silogismo, a negação da negação, a consciência que se nega diante da outra consciência.

Diante disso, podemos observar o que aconteceu com as etnias quando foram traficadas para o Brasil, diante das bibliografias históricas, em que os negros tiveram que se sujeitar a trabalhos escravistas, sem direito, sem vontades, sem casa etc. As mulheres naquele tempo, não tinham um serviço específico, pois diversos eram seus trabalhos, do campo, a cozinheira, sendo arrumadeira, passadeira a mucama de

quarto, sem tempo para si, ou para seus filhos e companheiros, pois eram exploradas diariamente.

Na dialética e seu aspecto como vimos, Marx (1844 apud Chauí, 2003) não concorda com Hegel (1844 apud 1994, p. 242), pois é diante da luta das classes que se pode acontecer mudanças, é diante da união dos trabalhadores, dos proletários que pode haver uma mudança na economia, que ela seja mais justa e igualitária para todos, para Marx (1844 apud Chauí, 2003), a dialética é pensar no real e transformar o real, não ficar somente na ideia como pensava Hegel (1844 apud 1994, p. 242).

Ao olharmos os gráficos, podemos observar que mesmo depois da escravidão, as mulheres que mais trabalham como empregadas domésticas são as mulheres negras, o nosso trabalho de pesquisar vem nos mostrar que mesmo depois da escravidão ainda se percebe que as mulheres negras são as que mais trabalham como empregadas domésticas. Como podemos notar que na sociedade está interligado o conceito de mulher negra e o trabalho doméstico, tendo em vista a geração passada destas mulheres negras foram escravizadas.

O que o nosso trabalho quer nos mostrar, é que ainda existe uma grande desigualdade com esta etnia, e é preciso fazer um trabalho sociocultural, nas escolas, nas universidades, em empresas, ou em outras instituições, que abrace a causa. Ressaltando que não foi a escravidão que chegou primeiro e sim o racismo, pois se não existisse racismo, entre cor ou raça, certamente não teria existido a escravidão.

Contudo, percebe-se que são poucas as campanhas que são feitas a favor dessa etnia, e quando são feitas, são feitas por conta de um acontecimento, de um fato, de uma ocorrência que aconteceu, pode ser por conta de um ato racial. São diversos exemplos que poderíamos elencar aqui, no entanto, o que o nosso projeto de pesquisa quer trazer, é o porquê as mulheres pretas são as mais contratadas como empregadas domésticas, sendo que 91% das mulheres no Brasil ocupam o trabalho doméstico, como nos mostrará os gráficos abaixo.

Como justificar a colonização da mulher preta no trabalho doméstico? Tendo em vista que a maioria delas não tem estudo, que a maioria dos empregos oferecidos pelas empresas exigem estudos, não tendo estudos é muito difícil entrar no mercado de trabalho. Sendo assim, elas acabam se submetendo a trabalhos domésticos, deixando suas casas, seus filhos sob cuidados de terceiros, para buscar uma melhoria de vida, nisso elas acabam se submetendo a situações que muitas vezes são desumanizadoras, se tornando servas de seus patrões, como vimos na escravidão, onde as mulheres escravizadas não tinham seus direitos respeitados, se tornando escravas domésticas. Esta pesquisa é necessária para que a sociedade como um todo, reflita e supere esse mal social, que é a desigualdade racial que está tão presente em nosso país, para que possa assim valorizar mais as mulheres negras dando-as mais dignidades e oportunidades. Como iremos observar pelos gráficos, a mulher negra é a que mais exerce o trabalho doméstico no Brasil, ainda se tem uma desigualdade por trás disso tudo. É preciso que se tenha mais pesquisas e campanhas para poder abordar este tema na atualidade sobre a mulher negra no trabalho doméstico. E como podemos mudar a nossa sociedade, não ficando somente na ideia, mas na prática, no cotidiano. Na busca de quebrar esse racismo que está estruturado na nossa sociedade.

4.2. INFORMAÇÕES EMPÍRICA SOBRE O TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL

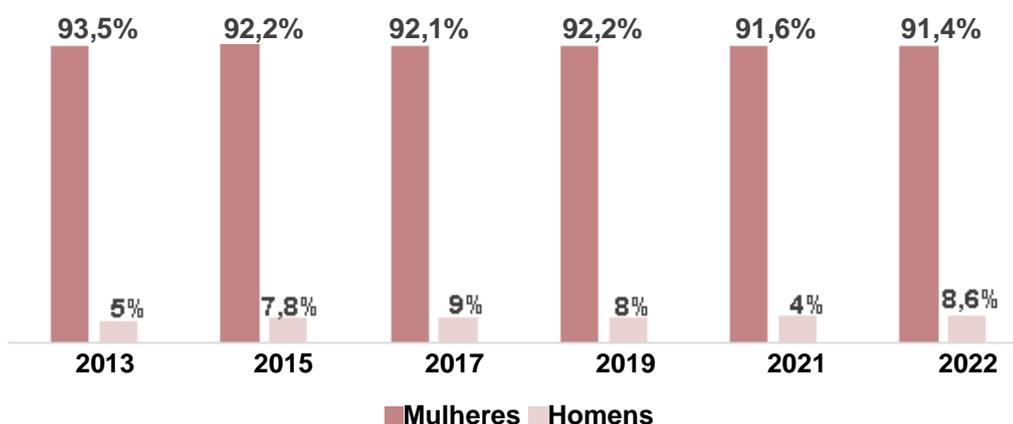
Veremos, neste item, alguns dados quantitativos sobre o caso dos trabalhadores domésticos referente à diferença de sexo e sobre a diferença entre as mulheres negras e as não negras. Para isso, buscamos usar informações dos relatórios do IBGE, disponibilizados pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos (Dieese, 2023). As informações a seguir versam sobre: o primeiro gráfico apresentará a diferença sobre o trabalho doméstico entre mulheres e homens; e no segundo gráfico nos mostra a distribuição do trabalho doméstico entre mulheres negras e não negras. As informações a seguir possuem o intuito de ilustrar e descrever, brevemente, como as populações negras estão incorporadas em nossa sociedade contemporânea, visto que, em nossa compreensão, a realidade atual brasileira é um prolongamento histórico e, por isso mesmo, orgânico quando tratamos das relações de raça, classe e mercado de trabalho, como nos diz Fernandes (2008):

Também considera que a revolução burguesa no Brasil não apresentou as rupturas necessárias com a velha ordem escravista, pois a antiga classe dominante sobreviveu com sua ideologia aristocrática de senhorio rural. O empresário industrial também absorveu essa ideologia, mesmo quando nascido em família de origem imigrante. O racismo é um dos valores do passado escravista e colonial que se conserva no país (Fernandes, 2008, p. 369).

Quando olhamos para os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o qual foi usado pelo (Dieese, 2023) sobre o trabalho doméstico no Brasil, abaixo é apresentado o gráfico número 1 o qual podemos observar a diferença entre mulheres e homens, relacionado ao trabalho doméstico, do qual os dados nos mostram que as mulheres representaram 91,4% das pessoas ocupadas no trabalho doméstico no ano de 2022. Tendo em vista, que os homens são a minoria neste ramo, pois a sua porcentagem é de 8,6% no ano de 2022, tendo apenas um aumento no ano de 2017 que era 9%, deste ano até o ano de 2022, teve uma queda significativa no ano de 2021 de 5%. No ano de 2022 os homens têm um aumento na porcentagem de 4,6%, mesmo assim, não chega a superar as mulheres no trabalho doméstico.

Veremos logo abaixo dois gráficos como foi dito anteriormente, um sobre a distribuição das pessoas que ocupam no trabalho doméstico, sendo por sexo, entre os anos de 2013 a 2022. E o próximo gráfico será entre mulheres, no entanto, a diferenciação por raça no trabalho doméstico. Ressaltando que estes gráficos só correspondem ao Brasil. Distribuição das pessoas ocupadas no trabalho doméstico, por sexo Brasil, 2013 a 2022 (no 4º trimestre de cada ano).

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS OCUPADAS EM ATIVIDADES DOMÉSTICAS POR SEXO - BRASIL - 2013 A 2022 - %

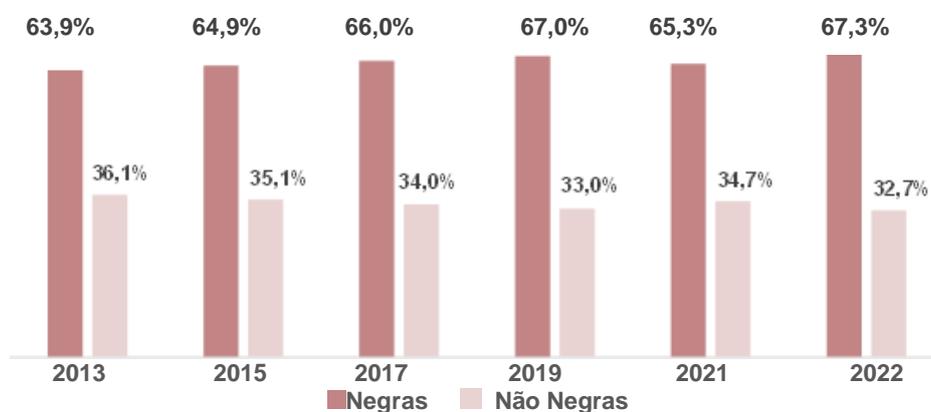


Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Elaboração: DIEESE

A partir do gráfico acima, que analisa a ocupação de pessoas no trabalho doméstico, por sexo, percebemos que as mulheres lideram o trabalho doméstico. Não há uma mudança desde o ano de 2013 em relação a 2023, o que confirma o fator histórico de que o serviço doméstico é imputado diretamente às mulheres. Neste mesmo gráfico, podemos perceber que houve um aumento do número de trabalhadores masculinos no serviço doméstico de 2021 a 2022, porém esse aumento não suaviza o número de mulheres que estão empregadas nessa categoria de trabalho. Sendo assim, ano longo desses 7 anos, as mulheres prevalecem, em relação aos homens, no trabalho doméstico.

Em seguida temos o gráfico de número 2 que nos apresenta a distribuição das trabalhadoras domésticas por raça e cor, entre o ano de 2013 a 2022 (no 4º trimestre de cada ano)

GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES NEGRAS E NÃO NEGRAS OCUPADAS EM ATIVIDADES DOMÉSTICAS - BRASIL - 2013 A 2022 - %



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Elaboração: DIEESE

Ao analisarmos o trabalho doméstico em relação à raça/cor, percebemos que as mulheres negras predominam nessa categoria de trabalho. Não há uma variação de 2013 a 2022. Em alguns momentos percebemos leves alterações de um ano em relação ao outro, porém a mulher negra permanece prevalecendo no trabalho doméstico. A média das mulheres não negras e negras não sofreu variação significativa ao longo desses 6 anos analisados pelo IBGE. A medida permanece de

34,3% para mulheres não negras e 65,7% para mulheres negras. Desse modo, podemos intuir que as oportunidades de trabalhos que surgem para mulheres negras voltam-se, frequentemente, para o campo do trabalho doméstico.

Depois de ter analisado os gráficos veremos no próximo subitem, a dialética hegeliana do senhor e do servo, fazendo uma analogia sobre o trabalho doméstico na atualidade.

4.3. DIALÉTICA HEGELIANA

Na obra *Fenomenologia do espírito* de (Hegel, 2011), na qual ele escreve no ano de 1807, se pode observar como o filósofo estudou a formação da consciência. neste tópico veremos a consciência-de-si. Hegel, na obra *Fenomenologia do espírito*, (Hegel, 2011) defende que é possível que tanto a liberdade quanto a razão se realizem, mas para isso acontecer, só é possível por meio do pensamento especulativo, diante disso, o nosso projeto busca entender o porquê a maioria das mulheres negras são as mais contratadas para os trabalhos domésticos. A dialética do senhor e escravo, acontece da seguinte forma; há uma luta, uma batalha entre duas consciências, a qual as duas são senhores de si, diante da batalha uma não tem medo de morrer e a outra teme diante da morte. O senhor se considera uma potência, a qual ele arrisca a sua vida em nome da liberdade de sua vontade.

O senhor é a consciência que é para-si; porém sua relação consigo se estabelece através de outra consciência, a qual se define como sintetizante [sic] com o ser independente, ao nível das coisas, objeto do desejo. O senhor é um feixe de relações. (Meneses, 1985, p. 61).

Na dialética do desejo, a consciência de si não se satisfazia na comprovação de ser o essencial, pois ela experimentou o objeto, na sua independência; no entanto o objeto na sua impossibilidade da satisfação plena não fez o mesmo movimento que a consciência esperava, pois o objeto não reconhece que a consciência é essencial.

A primeira consciência-de-si não tem diante de si o objeto, como inicialmente é só para o desejo; o que tem é um objeto independente, para si essente, sobre o qual, portanto, nada pode fazer para si, se o objeto não fizer em si o mesmo que ela nele faz. (Hegel, 2011, p. 145).

Contudo, a consciência busca outra consciência para ser reconhecida, nisso se dá uma batalha pelo reconhecimento, o qual a consciência faz o mesmo movimento que a outra consciência, a consciência maior vence a outra a qual teve medo de morrer, nesta movimentação se dá o silogismo, o senhor diante da luta não teve medo de morrer, venceu a consciência que teve medo da morte. Aquele que perdeu na batalha se tornou o servo, e passa a reconhecer o senhor, como potência, então passa a trabalhar para o senhor, fazendo o uso da natureza, dos materiais naturais, a qual o senhor desconhece, e não tem habilidade neste trabalho, o servo trabalha sem remuneração, salientando que o servo não usufrui daquilo que ele constrói para o senhor, pois tudo o que ele faz é para o benefício do seu senhor. A figura do senhor é a figura que experimenta esse reconhecimento, pois o servo o tem a vontade dele como essencial.

O senhor suprassume tanto a coisa (objeto) quanto o outro: em relação à coisa, e a suprassume porque sua relação com ela é de apenas gozo já que é o escravo quem

a trabalha; e em relação ao servo suprassume-o, pois na verdade esse é apenas um negativo que opera para-si, o servo tem o senhor como essencial, ele o reconhece como o seu senhor. No entanto, esse reconhecimento não é suficiente para a consciência, pois não é um reconhecimento entre iguais, pois o senhor está acima do servo, e o servo é submisso ao senhor. Contudo o senhor se torna dependente do escravo, (tanto para ser chamado senhor, tanto em relação com a subsistência, pois não é mais ele quem trabalha e sim o servo) logo esse reconhecimento é unilateral e desigual, isso podemos ler no livro da fenomenologia.

O movimento é assim, pura e simplesmente, o duplo movimento das duas consciências-de-si. Cada uma vê a outra fazer o que ela faz; cada uma faz o que da outra exige - portanto, faz somente o que faz enquanto a outra faz o mesmo. O agir unilateral seria inútil; pois, o que deve acontecer, só pode efetuar-se através de ambas as consciências [...] (Hegel, 2011 p. 145).

Hegel (1807 apud Menezes, 1985) identifica que em meio à relação senhor-escravo, há um reconhecimento permanente no trabalho. Nesse sentido, quem trabalha a coisa, nega a coisa; não a aniquila e sim dá a ela uma forma, formando nesse processo a si mesmo. A consciência do escravo se nega ao não se opor ao que o senhor faz.

Em contrapartida, o senhor nega o escravo, que ao se negar e trabalhar a natureza para o senhor, reconhece o senhor como essencial. Sob esse aspecto, o senhor só tem a condição de senhor diante do escravo, que por sua vez somente é o escravo diante do senhor.

Vimos somente o que a escravidão é em relação à dominação. Mas a consciência escrava é consciência-de-si, e importa considerar agora o que é em si e para Si mesma. Primeiro, para a consciência escrava, o senhor é a essência; portanto, a consciência independente para si essente é para ela a verdade; contudo para ela [a verdade] ainda não está nela, muito embora tenha de fato nela mesma essa verdade da pura negatividade e do ser-para-si; pois experimentou nela essa essência. Essa consciência sentiu a angústia, não por isto ou aquilo, não por este ou aquele instante, mas sim através de sua essência toda, pois sentiu o medo da morte, do senhor absoluto. Aí se dissolveu interiormente; em si mesma tremeu em sua totalidade; e tudo que havia de fixo, nela vacilou [...] (Hegel, 2011, p. 149).

A condição de um para com o outro define seus papéis no processo de reconhecimento. O senhor é reconhecido pela dependência da relação de poder que exerce sobre o escravo. Diante disso, ao comparamos a dialética de Hegel, com o trabalho doméstico, o qual também é exercido pelas mulheres de cor preta, percebe-se que a dialética é bastante atual na vida dessas pessoas, onde seus padrões muitas vezes se colocam como senhores de si, faltando com respeito, agindo muitas vezes com desigualdade, na dialética nos mostra como acontece o silogismo, pois diante do medo, a consciência que teve medo de morrer, se colocou como serva de outra consciência, que se sentiu como potência.

O senhor se relaciona mediatamente com o escravo por meio do ser independente, pois justamente ali o escravo está retido; essa é sua cadeia, da qual não podia abstrair-se na luta, e por isso se mostrou dependente, por ter sua independência na coisidade. O senhor, porém, é a potência sobre esse ser, pois mostrou na luta que tal ser só vale para ele como um negativo. O senhor é a potência que está por cima desse ser; ora, esse ser é a potência

que está sobre o Outro; logo, o senhor tem esse Outro por baixo de si: é este o silogismo [da dominação]. (Hegel, 2011, p. 147-148).

Dito isso, retomando o nosso problema de pesquisa, como justificar a colonização da mulher negra no trabalho doméstico? Podemos responder de acordo que vimos que a mulher negra sempre está interligada ao trabalho doméstico desde a chegada das primeiras mulheres negras ao Brasil. Mulheres que vieram traficadas de seu continente para o Brasil, se submetendo às vontades dos senhores coloniais, mesmo depois da Lei Áurea, a maioria da geração dessas mulheres continuam trabalhando como empregadas domésticas na atualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar nos relatos bibliográficos de como o Brasil foi construído, os nativos tiveram suas terras tomadas, povos de outro continente traficados para cá, tanto homens como mulheres, tendo em vista, a sua cor, sendo negros foram escravizados, tendo sua dignidade desvalorizado, sua cultura desrespeita. Maioria desses povos deixaram para trás, seus pais, seus filhos, sua cultura, pois não tiveram tempo para se despedir, trazendo somente a tristeza, e a saudade dos seus e a roupa do corpo. Para chegar aqui e se submeter a trabalhos escravistas, sem direito à moradia, a saúde, a família, e acima de tudo sem direito a sua própria dignidade.

A dialética hegeliana, nos mostrou como acontece o silogismo, ou seja, a negação da negação, a consciência-de-si (Hegel, 2011) que se nega diante de uma outra consciência mais forte, ainda hoje, muitas mulheres negras se negam, pois, para dessa forma poder sobreviver, diante de uma realidade onde seus valores são minimamente respeitados diante da indiferença, da sua cor ou raça. Percebo que este tema é muito relevante para nossa atualidade, a sociedade está sempre em mudanças, também é preciso mudar o modo de pensar a respeito de pessoas de cor, principalmente as mulheres negras, que elas possam ter mais oportunidade de trabalho, que mais estudos e pesquisas sejam levantados sobre esse tema da mulher preta no trabalho doméstico, não somente neste trabalho em si, mas em outros trabalhos que elas exerçam.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

FREIXO, A. S.; CABRAL, C. C. R. TRABALHO DOMÉSTICO E MULHERES: uma análise sobre como a reforma tributária pode contribuir para a redução das desigualdades de gênero. **Lex Cult Revista** do CCJF, v. 5, n. 1, p. 34–65, 2021. <https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico/index.html?page=6>.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 48 p.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. São Paulo: Globo, 2005. 369 p.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. Hegel: **Fenomenologia do Espírito**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 145 p.

História geral da África, III: África do século VII ao XI / editado por Mohammed El Fasi. – Brasília : **UNESCO**, 2010. 23 p.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. 7-8 p.

LARA, Ricardo; BARCELOS, Jonaz Gil. Classe e racismo na formação social brasileira. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 21, n. 46, p. 204–223, 2020. DOI: 10.5965/1984723821462020204. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723821462020204>. Acesso em: 11 set. 2023.

MENESES, Paulo. **Para ler a fenomenologia do espírito**: roteiro. São Paulo: Loyola, 1985. 61 p.

MOURA, Clóvis. **O racismo como arma ideológica de dominação**. Disponível em <http://marxismo21.org/clovis-moura-marxismo-e-questao-racial>. Acesso em: 20 set. 2023. 210 -211 p.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e Resistência**: a mulher na luta contra a escravidão. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1988. 23 p.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**: do romantismo até nossos dias. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005. 3 v. 242 p.

REALE, Miguel. **Fontes e modelos do direito**: para um novo paradigma hermenêutico. São Paulo: Saraiva, 1994. 35 p.

SILVA, D. F. DA; LORETO, M. DAS D. S. DE; BIFANO, A. C. S. **Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível**. Minas Gerais. Cadernos de Direito, v. 17, n. 32, jun, 2017. 409–438, 30 p.